

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: LIONEL SOUKAZ
20 de setembro de 2025

RV, MON AMI / 1994

um filme de **Lionel Soukaz**

Realização, Argumento e Produção: Lionel Soukaz / **Direção de Fotografia:** Lionel Soukaz
/ **Com:** Hervé Couergou / **Cópia:** digital, legendado eletronicamente em português /
Duração: 28 minutos / **Estreia Mundial:** Paris Gay and Lesbian Film Festival, 6 de dezembro
de 2001 / Primeira exibição na Cinemateca.

L'ANNÉE DES TREIZE LUNES / 2000

um filme de **Lionel Soukaz e Tony Tonnerre**

Realização, Argumento e Produção: Lionel Soukaz / **Direção de Fotografia:** Lionel Soukaz
/ **Com:** Tony Tonnerre / **Cópia:** digital, legendado eletronicamente em português / **Duração:**
14 minutos / **Estreia Mundial:** 1 de janeiro de 2000 / Primeira exibição na Cinemateca.

ARTISTES EN ZONE TROUBLÉS / 2023

um filme de **Stéphane Gérard e Lionel Soukaz**

Realização: Stéphane Gérard, Lionel Soukaz / **Argumento:** Stéphane Gérard, Lionel
Soukaz / **Montagem:** Stéphane Gérard / **Som:** Jean-François Aroni / **Música:** Peter Ogi /
Direção de Fotografia: Lionel Soukaz.
Produção: Stéphane Gérard / **Cópia:** digital, legendado eletronicamente em português /
Duração: 39 minutos / **Estreia Mundial:** Palais de Tokyo, Paris, 17 de fevereiro de 2023 /
Primeira exibição na Cinemateca.

Sessão com apresentação

Há uns anos, no Palais de Tokyo, em Paris – e perdoem-me a partilha, mas creio que faça sentido dado o tão íntimo tom do alinhamento desta sessão (quem semeia vento colhe tempestades) – tive a oportunidade de me cruzar com **Artiste en Zone Troublés**, tão arrepiantemente bem acompanhado pelas fotografias que Nan Goldin fez do galerista Gilles Dusein e do seu companheiro, assim como da assombrosa vitrine que exibia poemas impressos em sangue contaminado por Michel Journiac. O pesadíssimo contexto deste encontro foi a exposição *Exposé-es*, de forte relação temática com esta sessão, que evoco para citar um excerto da folha de sala que me parece certo em sintetizar o registo de visibilidade e exposição política em que se inscreve Lionel Soukaz – e cujo a lógica, com algumas alterações, pode ser alargada para toda a produção artística que ambicione a representação de uma certa vivência queer:

Exposé-es: as pessoas não escolheram ser expostas a um vírus, a uma doença, a uma epidemia.
Exposé-es: as pessoas escolheram ser expostas para tornar visível este vírus, esta doença, esta epidemia.

Lionel Soukaz inscreve-se numa genealogia do “diário queer”, em que a exposição da intimidade, do corpo e da experiência vivida assume um gesto de resistência política. Nos anos 1970-80, num contexto marcado pela repressão da homossexualidade em França, Soukaz, uma voz muito ativa da “causa homossexual”, torna-se pioneiro deste tipo cinema, não para o “impor” necessariamente a um público generalizado, mas de forma a criar um lugar de representação marginal, um espaço de autoinscrição e cartografia comunitária, atravessando tanto o quotidiano pessoal como as redes de sociabilidade queer da época. Ele coloca a câmara ao serviço de uma memória coletiva em formação – em diálogo com a grande tradição diarística que atravessa o cinema francês – mas apropriando um registo

abertamente homossexual e libertário do qual beberiam outros cineastas como Vincent Dieutre. O seu cinema, invasivo por natureza, funciona como arquivo vivo da experiência queer, antecipando práticas mais amplas do New Queer Cinema dos anos 1990 e consolidando em França uma linha de experimentação em que documentação íntima, política sexual e invenção formal habitam um só lugar.

Os três filmes de Soukz aqui reunidos, realizados em diferentes momentos da sua vida - **RV, mon ami** (1994), **L'Année des Treize Lunes** (2001, em colaboração com Tony Tonnerre) e **Artistes en Zone Troublés** (2023, com Stéphane Gérard) -, compõem uma espécie de tríptico da amizade, do amor e da memória, numa prática em que a vida e a arte se fundem, e, dadas as circunstâncias, o íntimo se torna político.

Em **RV, mon ami**, Soukz elabora um gesto simples, mas pungente: começa a filmar na própria manhã da morte de Hervé Couergou, transformando a ausência - mais uma entre tantas provocadas pelo flagelo do HIV no final do século XX - no ponto de partida do filme. Utiliza imagens banais, quase nunca “bons” retratos - porque há algo na forma como gostamos de nos ver que quase sempre implica uma encenação - mas polaroids desfocadas, fotografias sem pessoas, espaços vazios, objetos envelhecidos, no que parece uma tentativa de representação da verdade para além da carne - sendo a carne tudo o que resta do corpo físico - pois as imagens reservam esse estatuto de baús de memórias - fetichista ou reliquiar, no fundo imagens de culto como diz Susan Sontag. “RV” é, aqui, um nome, mas também uma sigla, “rendez-vous”, encontro. Soukz constrói uma estética da fragilidade e do desaparecimento. A presença é evocada através do que sobra, daquilo que se recusa a dissolver no tempo. Não há drama explícito, apenas a representação de um imenso vazio.

L'Année des Treize Lunes amplia o campo para além da imagem estática. O título cita Fassbinder, mas Soukz e Tony Tonnerre deslocam o eixo para uma paisagem mais íntima e experimental. Aqui, o corpo surge como território instável, espaço de reinvenção, de dúvida e de desejo. Entre cores vibrantes e atmosferas quase espectrais, as imagens flutuam entre o diário e a fábula, como se o filme fosse uma correspondência entre amigos que partilham segredos à nossa frente, mas se recusam a partilhá-los.

Três décadas depois, **Artistes en Zone Troublés** mostra-nos os mesmos fantasmas do primeiro filme desta sessão - numa relação sempre movida pelo amor e perda. O título joga com a sigla AZT, o primeiro retroviral contra a sida, que nos anos 80 foi recebido como promessa de sobrevivência, mas com efeitos colaterais devastadores - o corpo paga para se estender no tempo. Essa ambiguidade ressoa no próprio filme. Feito com Stéphane Gérard a partir de quase duas mil horas de vídeo gravadas desde os anos 90 - o famoso Journal Annales -, o filme constrói-se como um vasto arquivo de intimidade - a vida com o companheiro Hervé Couergou, as cartas, os amigos, os amantes, os gestos quotidianos. A montagem organiza a matéria bruta, e, através de aspetos formais - música e ritmo -, transmite-nos a nós - espectadores - algo de “suficientemente fiel à memória da emoção” - expressão de um outro Hervé, Guibert, que apesar de não considerar parte desta comunidade passou pelos mesmos males.

Aqui, a amizade já não é um exercício de lembrança pessoal, é resistência frente ao esquecimento. O cinema de Soukz transforma-se em espaço de sobrevivência para si e para os seus em que a intimidade é matéria de criação universal. É uma luta, a partir do exagero, para que a exposição dos corpos e do sexo não sejam chocante ou provocatório pela mera existência, e essa metodologia, parece estar a tornar-se necessária de novo. Para citar outro cineasta-ativista destas causas “Não é homossexual que é perverso, mas a situação em que ele vive”.